

Notas

«O Limite das Boas Intenções» foi a última destas histórias a ser escrita. Aterrei em Nova Iorque com visto americano na semana em que a cidade foi atingida pelo furacão Sandy: ficámos (falo no plural, porque não ia sozinho) trancados uma semana no nosso pequeno apartamento; depois da chuva, começou a nevar; não havia luz desde *Downtown* até à Rua 34; os nova-iorquinos atravessavam em massa, a pé, as pontes para o lado de Brooklyn, onde a eletricidade não fora afetada. Era como se a catástrofe se tivesse libertado – já não era sem tempo – do dito Terceiro Mundo, onde os impactos das mudanças climáticas são há muito visíveis, e tivesse por fim alcançado o suposto mundo desenvolvido. Essas memórias serviram-me quer de cenário quer de motivação para esta história. Mais importante, o ataque à maratona de Boston em 2013, cometido por dois adolescentes de origem muçulmana, ajudou-me a imaginar o que aconteceria se duas crianças, brancas e de ditas boas origens, cometessem um ataque «terrorista» – neste caso, por razões do seu próprio futuro, atingindo o edifício das Nações Unidas, em particular a chefia do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Theo e Tucker pertencem a uma classe média-alta americana, liberal, culta e politicamente ativa, embora politicamente correta, que, apesar disso ou por isso mesmo, vive na ignorância da violência colonial inerente ao seu pensamento bem-intencionado. Em Nova Iorque, talvez nada caracterize, e mistifique, mais esta

classe do que a revista New Yorker. Sobre o edifício das Nações Unidas, filmei os reflexos da cidade espelhados na sua fachada, numa tentativa de entender a incongruência entre a transparência modernista do edifício e a opacidade burocrática da instituição. Mais tarde, numa sessão de esclarecimento da ONU, conheci um representante do Programa para o Meio Ambiente que trabalhara nas Conferência de Copenhaga e no Rio+20. Perante as nossas perguntas, era visível que o homem revelava apenas parte do seu descontentamento.

«Liberator» foi escrito entre 2014 e 2015. O seu ponto de partida é a história da primeira pistola impressa integralmente em plástico numa impressora 3D. As informações sobre esta são inteiramente verdade; as personagens, Cody Wilson em particular, e as respetivas empresas, reais; o pânico do Departamento de Estado dos Estados Unidos perante uma arma capaz de passar cordões de segurança e detetores de metais, ou de ser partilhada indiscriminadamente na Internet (foram feitos mais de cem mil descarregamentos desta em apenas dois dias), também. A dificuldade em imprimir em plástico uma arma de fogo está na sua engenharia material, em fazê-la resistente o suficiente para aguentar o calor e o impacto dos disparos. Ao oferecer a possibilidade de manufatura doméstica, a impressão 3D promete uma revolução nos meios tradicionais de produção, inclusive na manufatura de armamento: desde que a Liberator foi anunciada em 2012, as suas réplicas são muitas,

e não apenas nos Estados Unidos. No entanto, no curto período da sua implementação, muitos dos canais para a democratização da manufatura de bens industriais têm vindo a ser estrategicamente fechados por grandes corporações. Ao mesmo tempo, assiste-se nos Estados Unidos a uma sublevação libertária, uma parte da qual visceralmente tecnofílica. Cody Wilson, o inventor da pistola Liberator (os seus subsequentes projetos incluem uma criptomoeda), é um personagem particularmente pertinente neste contexto: um programador texano capaz de, em simultâneo, se alinhar com uma crítica biopolítica de Foucault, defender o porte de armas e fugir quer ao neoliberalismo global quer ao conservadorismo ultranacional. Noutro contexto, um uso particularmente especializado da impressão 3D é a reprodução de tecido e de órgãos humanos. Talvez por isso tenha associado a história de Cody Wilson e da Liberator a um tema clássico da ficção-científica, a procura da imortalidade, e encontrado, nesse futuro não muito distante, o narrador coletivo do horizonte aberto por Cody Wilson.

«A Militarização dos Pobres» foi escrito no seguimento de «Liberator», não como uma sequência, mas como a sua radicalização. Dizer que é um comentário à cultura de armas, ou à violência gratuita, nos Estados Unidos seria uma simplificação. Enquanto um europeu na América, ser condescendente perante essa realidade parece-me a pior resposta. Pelo contrário, o objeto é um íman para toda uma série de problemas, frustrações, ataques e ambições históricas e contemporâneas no

país (e não só): perseguição ao ativismo ambientalista; direitos de reprodução e do corpo das mulheres; autonomia; separatismo; gestão burocrática da guerra; informatização da sociedade; luta de classes; racismo; liberalismo e libertarianismo; entre outros. O que aconteceria se todas as pessoas nos Estados Unidos tivessem, por uma razão ou por outra, uma arma? E qual o limite político, e pessoal, que leva uma pessoa, um movimento revolucionário, uma causa social à necessidade da violência? De que modo afetaria um tal futuro a realidade destas fronteiras, cada vez mais visíveis e mais enraizadas?

«O Urso» foi inicialmente escrito em 2013. A história é baseada no anúncio televisivo, com o mesmo título, escrito pelo icónico publicitário americano Hal Riney (1932–2008) para a segunda campanha presidencial de Ronald Reagan, em 1984. Com uma duração de uns meros trinta e um segundos, este é o mais estranho do conjunto de anúncios criados por Riney para Reagan: enquanto que o incontornável «It's Morning in America», com cenas quotidianas, entre a nostalgia pela família nuclear e a ambição do individualismo neoliberal, falava diretamente ao interior americano, fundamentalmente branco, «The Bear» consistia numa ambígua micro-narrativa sobre o encontro entre um urso-pardo e um homem num qualquer parque natural americano. A narração, na voz do próprio Riney, pouco esclarecia a ambiguidade da cena, algo confirmado pelos primeiros grupos de teste, que viram no urso assuntos tão díspares quanto o ambientalismo

ou o controlo de armas. O anúncio, no entanto, foi um sucesso, prestando-se simbolicamente, no contexto da década de 1980, à ameaça russa. Não foi assim que o interpretei, da primeira vez que o vi (a minha interpretação estava mais perto do ambientalismo). De certo modo, esta história é uma tentativa de entender essa minha interpretação instintiva; de projetar neste confronto entre animal e humano não só as psicoses da minha geração histórica, pós-guerra fria (em vez da nuvem de cogumelo, a insurreição climática do planeta Terra), mas também uma imagem da decadência americana e da sua paranoia com o inimigo exterior – resultado de uma mentalidade colonial: para o americano médio, o que se encontra para lá da fazenda é sempre o monstro, isto é, um índio. A ficcionalização de Riney é baseada na pesquisa que me foi possível fazer sobre o anúncio, daí que a sua geografia, incluindo o *diner* Reno Barsocchini, seja verídica. O outro desafio era escrever do ponto de vista do urso, o que implicava, entendi, o próprio ponto de vista do anúncio. Para tal, decidi incluir o próprio guião do anúncio no corpo de texto, e libertar o urso daquela micronarrativa, dando-lhe um corpo e uma vida para lá da sua imagem.

«Deepstaria e o Drone» foi a primeira destas histórias a ser escrita. O seu ponto de partida foi um vídeo partilhado na Internet por uma plataforma petrolífera da Petrobras, bem como a lista de comentários que se ia acumulando sobre o mesmo. O vídeo mostrava a aparição de um animal marinho, um cnidário de

espécie aparentemente desconhecida, nas águas perto de uma zona de extração de petróleo e gás no Golfo do México. Enquanto alguns questionavam se o bicho não seria, na verdade, feito de plástico, outros julgavam-no, no mínimo, um mutante (outras hipóteses eram: um Pokémon, um preservativo gigante, uma placenta de baleia, o Cthulhu de H.P. Lovecraft...). De facto, insiro esta história numa longa tradição de contos de horror e de confronto com o inominável, começando, precisamente, com H.P. Lovecraft. O que significa o sentimento oceânico de Freud na América atual? Que tipo de dissolução molecular e psíquica – triste confusão entre desejo de morte e reprodução da espécie (ou mera sobrevivência) – move os habitantes da paisagem petroquímica do Golfo do México, e um pouco por toda a América, pradarias do Dakota do Norte interrompidas por gasodutos, aquíferos de Michigan contaminados por *fracking*, velhos reatores nucleares ao longo do rio Hudson. Falo de humanos e de não-humanos, de ecossistemas inteiros, certamente sencientes, ainda que não num modelo humano. Um século de economia petroquímica afetou, sem dúvida, a biologia dos «nossos» medos. Nunca houve tantos hipocondríacos como hoje em dia, mas também nunca o mundo esteve tão contaminado, nunca o planeta foi tão inumano.